



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e61877>

## Inteligência, intuição e ação em Henri Bergson: um caminho para a compreensão da criação artística

*Intelligence, intuition, and action in Henri Bergson: a path to understanding the artistic creation*

**Caroline da Silva Lourenzone\***

c.lourenzone@unesp.br

**Maria Ester Martins Silva\*\***

retsesnitram@gmail.com

**Resumo:** Nosso objetivo é discutir sobre o papel da ação na constituição da inteligência e suas implicações para a ação estética na filosofia de Henri Bergson. Sendo, para esse filósofo, o conhecimento humano moldado, em larga medida, pela inteligência – faculdade intimamente relacionada a uma compreensão determinista – como poder-se-ia compreender a atividade criadora, em particular a criação artística, a qual está intimamente relacionada com a noção de imprevisibilidade? O artista, como um pintor, por exemplo, por mais que planeje, não sabe como será no final a sua pintura, assim como os momentos e ações de sua vida. Com a criação, ele apresenta a fluidez da duração, a sua criação contínua. Procuramos mostrar que para Bergson a criação artística envolve um distanciamento da inteligência e o envolvimento de outra capacidade humana, liberta das necessidades da ação, ou seja, a intuição.

**Palavras-chave:** Ação. Criação. Duração. Inteligência. Intuição.

**Abstract:** *Our goal is to discuss the role of action in the constitution of intelligence and its implications for aesthetic action in Henri Bergson's philosophy. Human beings, according to the philosopher, are shaped by intelligence; faculty intimately related to a determinist comprehension, so how do we think about the creative action, which is closely linked to the notion of unpredictability, in particular, the artistic creation? The artist, a painter for example, does not know, no matter how much he plans, how his painting will turn out in the end, as well as the moments and actions of his life. With creation, he presents the fluidity of duration, the continuous creation. We will argue that, for Bergson, artistic creation involves a distancing of intelligence and the involvement of another capacity, freed from the needs of action, that is, intuition.*

**Keywords:** *Action. Creation. Duration. Intelligence. Intuition.*

**Recebido em:** 30/04/2023.

**Aprovado em:** 06/09/2023.

**Publicado em:** 14/11/2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

## 1 Introdução

Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, inovou ao apresentar uma concepção de tempo não mais atrelada ao espaço. Através do conceito de duração, Bergson demonstra que é preciso pensar um tempo heterogêneo, repleto de qualidade e distante do tempo matematizado e espacializado. No entanto, o indivíduo está em constante mudança, experimentando uma duração interior diferente daquela apresentada pela ciência. Segundo Franklin Leopoldo e Silva, em *Tempo: Experiência e Pensamento* (2009), Bergson é considerado inovador por comprometer com a estabilidade do tempo; “[...] no momento em que se define o ser como plena estabilidade [ser equivalente a sempre igual a si mesmo] qualquer variação nessa identidade absoluta aparece como fator de perturbação na coerência lógica” (Leopoldo e Silva, 2009a, p. 7).

\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

\*\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

A ideia de que tudo está em constante mudança é o ponto principal da filosofia de Bergson, marcando a diferença entre um tempo real e um tempo estático. Paulo César Rodrigues anuncia, em *Introdução a Filosofia de Bergson* (2022) que o real não é estar no tempo, mas *ser* no tempo: “com esse termo, quis dizer que o real é um processo temporal que nunca termina, jamais assumindo o aspecto de coisa acabada” (Rodrigues, 2022, p. 16). Para além da distinção entre duração e tempo matematizado, outros dois conceitos são explorados por Bergson: intuição e inteligência.

Nesse presente artigo, mostraremos como inteligência e intuição se constituem na filosofia de Bergson e como podem se relacionar com a ação, buscando um caminho para a compreensão da criação artística. Para isso, falaremos da duração, conceito chave na filosofia bergsoniana e como ela pode, através da intuição, desenhar a ideia de criação, em especial criação artística.

## 2 Da inteligência à intuição

Em *A Evolução Criadora* (1907),<sup>1</sup> dois conceitos fundamentais são apresentados por Henri Bergson: inteligência e intuição. A inteligência destina-se a nos colocar no ambiente e nos direcionar para a criação de utensílios e ferramentas necessárias à nossa sobrevivência. Essa inteligência sente-se segura, em casa, perto dos objetos imóveis. O caminho percorrido pelo autor para explicar a inteligência no processo evolutivo se afasta da criação artística e da espontaneidade. Nesse primeiro momento, iremos discutir sobre essa interação da inteligência com o estático, com os objetos fixos. Pronta para, segundo Bergson, organizar nossa vida prática e nos direcionar ao útil, essa inteligência ancorada na ação irá seguir passos lógicos, afastando-se do irreal e da espiritualidade, do sonhar, da intuição. Com isso, ela se coloca em um tempo homogêneo, especializado e matemático, aquele tempo do relógio que nada demonstra a duração real. “Se o espaço é, por excelência, uma forma de inteligência, o tempo homogêneo, dele saído, será também uma construção intelectual, que se encontra presente no senso comum, na ciência e na filosofia tradicional por causa de sua utilidade” (Rodrigues, 2022, p. 33).

Apesar da vantagem tida pela inteligência no processo evolutivo, ela ainda encontra dificuldade em compor a personalidade humana, dada sua constante mudança. A inteligência não irá favorecer os contornos para essas mudanças e é justamente por isso que Bergson a coloca como imóvel. Jonas Gonçalves Coelho afirma em *Bergson: Tempo e Ação* (2001) o fato de o filósofo ter percebido a falta de um tempo interior, um tempo real: “[...] surpreendeu-se ao constatar que tanto a física quanto a matemática não se ocupavam do ‘tempo real’, da ‘duração real’, que o tempo de que elas tratavam era um tempo ‘que não servia para nada’ [...]” (Coelho, 2001, p. 115). Claro, não servia à consciência.

A personalidade exemplifica o fato de que estados de consciência não se repetem, na mesma medida em que a experiência não é adquirida de maneira uniforme. Como diz Bergson, “ao mudar, impede que um estado, ainda que idêntico a si mesmo na superfície, se repita algum dia em profundidade. É por isso que a duração é irreversível” (Bergson, 2010, p. 6). A inteligência, para nós, tem uma função específica caracterizada pela tentativa de “[...] iluminar nossa conduta, preparar nossa ação sobre as coisas, prever, com relação à situação dada, os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis que podem se seguir” (Bergson, 2010, p. 32). Sua conduta sempre se direciona para a busca do mesmo, do previsível. Podemos dizer que, segundo Bergson, nosso primeiro pensamento está sempre voltado ao agir, já que tanto nossa inteligência quanto intuição evoluíram de um instinto primitivo. A intuição tem a mesma origem do instinto, ambos se debruçando em uma ação imediata, mas a semelhança acaba nesse ponto, visto que esse instinto – no decorrer da humanidade – tornou-se supérfluo e a inteligência continuou a mostrar sua utilidade, principalmente para a vida prática e os muitos avanços que proporciona. Pelo fato de a inteligência desenvolver consequências por meio de mediações, há

1 No texto as notas que aparecem ao lado das obras se referem a data de publicação para termos uma ideia da cronologia das obras. Mas, as citações serão feitas a partir das traduções brasileiras, como constam nas referências bibliográficas.

sempre uma ligação causal, uma concatenação. Contrário a isso, há uma experiência imediata que não é uma experiência intelectual, no sentido de que não é feita por meio de raciocínio e/ou inteligência; é algo de outra ordem, algo ligado à intuição.

Disponemos de uma inteligência que atua em um espaço que é puramente geométrico, um espaço homogêneo. Como alega Jonas Gonçalves Coelho: “Para Bergson, a inteligência humana ignora o dado da percepção sensível, ou seja, ‘as qualidades dos corpos e o espaço com elas’, ao elaborar a ideia de um espaço ideal homogêneo, ou seja, ‘uma realidade sem qualidade’[...]” (Coelho, 2010, p. 39). Ela marca a noção de fixidez, o que significa, para Bergson, que a inteligência procura, de maneira permanente, ligar-se a pontos fixos por ser destinada à ação. Sua função de organizar os objetos espacialmente leva em conta a percepção simultânea desses objetos.

No *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência* (1889), Bergson deixa claro como a inteligência era capaz de apreender os números, levando-os em conta como uma coleção de unidades, percebidos como unidades puras e simples, desta forma “[...] toda unidade é a de um ato simples do espírito e que, consistindo este ato em unir, é necessário que alguma multiplicação lhe sirva de matéria” (Bergson, 2020, p. 60). A inteligência representa um número pela sua existência no espaço, tornando impossível que ela não se incline para uma representação extensiva desse número. É na geometria que a inteligência atinge seu potencial máximo. Ora, com tantos avanços que a inteligência nos proporciona, não seria difícil imaginarmos que seu distanciamento da intuição seria em relação a sua utilidade. Bergson nos mostra que a arte, bem como a expressão artística, é de ordem inútil, não por um lado depreciativo, mas puramente por não ter ligação com a vida prática. O artista nos demonstra sentimentos que nem mesmo sabíamos que era possível, aprofundando-se na interioridade.

Saberemos, adiante, que a intuição vai nos ajudar a acrescentar algo de novo nessa dinâmica e dar movimento ao que se encontra em um tempo homogêneo. O tempo homogêneo é aquele representado pela inteligência, na medida em que “[...] quanto mais se subir na série dos seres inteligentes, tanto mais nitidamente se destaca a ideia independente de um espaço homogêneo” (Bergson, 2020, p. 70), sem qualquer qualidade, simplesmente de ordem técnica, entre uma hora e outra passaram-se sessenta minutos. Mas essa passagem está longe de demonstrar a inquietude ou a calma da consciência. Já em um tempo heterogêneo – aquele representado pela intuição – encontra-se a mudança. É o que, essencialmente, nos ajudaria a distinguir as sensações no espaço e a entender porque não há como dois atos se afetarem da mesma maneira. Passaremos dessa homogeneidade da inteligência para a heterogeneidade da intuição ao compreender que, mesmo em um meio homogêneo, as qualidades se distinguem.

Dessa forma, a inteligência, voltada para a ação, organiza os instantes de forma sucessiva e quantifica os acontecimentos, bem como as sensações e os sentimentos. A dor, para exemplificar, segue a dinâmica do erro de intensidades argumentado por Bergson, ao evidenciar que misturamos o âmbito qualitativo com o quantitativo. Ao tentarmos quantificar a sensação de dor – algo impossível de ser feito – misturamos problemas de naturezas diferentes [intuição-inteligência]. A inteligência nesse exemplo ajuda a padronizar um sentimento, classificando “muita” ou “pouca” dor; Bergson evidencia que parece óbvio o fato de a dor de tirar um dente ser mais forte que alguém lhe puxar um fio de cabelo. Mas como saber exatamente a intensidade dessa dor? Só podemos saber indiretamente. Ao falarmos de intensidades de sensações, não é possível misturar o plano físico [quantitativo] com o plano psicológico [qualitativo], já que o último é experimentado de maneira imediata.

Conforme temos expressado, a forma como apreendemos os objetos é simultânea, já que percebemos sua colocação no espaço, sua numeração, sua relação de causalidade entre um e outro, entre o observador e o objeto. Essa relação de causalidade é um conceito importante na dinâmica entre inteligência e percepção, na medida em que – como supracitado – a inteligência precisa de um método de organização que, conseqüentemente, faz com que nesse tempo espacializado a mesma causa sempre produza o mesmo efeito, facilitando uma previsão. Assim, “[...] tempo em que fenômenos futuros podem ser calculados, antecipadamente, preexistentes ‘sob a forma de possíveis à sua realização’, privilegia-se o que se repete

e o que pode ser calculado, ou seja, o que não dura” (Coelho, 2001, p. 116). Dessa maneira, marca-se a principal diferença entre inteligência e intuição, uma vez que a segunda age sobre o que Bergson chama de vida interior e sobre a fluidez, a mudança, a mobilidade, o fluxo da consciência. Em razão disso, quando colocamos nossas sensações em um espaço homogêneo e sem intuição, apresentamos, segundo o filósofo, uma simples ‘sombra’ dessa sensação. Nossa obsessão no espaço faria com que não pudéssemos captar as ideias no estado de natureza da consciência, ignorando a vida interior:

Nesse sentido, no bergsonismo, podemos afirmar que nossa percepção e nossa inteligência (para usar um termo que reúne as duas instâncias, recorreremos aqui à palavra “cognição”) surgiram da ação, uma vez que somos seres que têm necessidades, as quais só podem ser satisfeitas através da ação. Mas a ação da qual se trata aqui é a ação fabricadora. (Rodrigues, 2022, p. 53).

Ou seja, a inteligência está se voltando para essa fabricação na medida em que busca aprimorar suas habilidades no processo evolutivo, até mesmo mudando a utilidade do objeto em vista de seus interesses. Apesar disso, a inteligência parece ter “nascido” da ação de fabricar instrumentos, ainda que no momento atual tenhamos alcançado uma evolução significativa. Por conseguinte, ao pensarmos a inteligência relacionada com a ação, nos colocamos frente ao problema da liberdade enunciado por Bergson no *Ensaio*. Observamos como a inteligência apreende o objeto e como o organiza, mas qual seria sua relação com a ação? Em especial a ação livre? Segundo Bergson, um ato livre é aquele que representa a manifestação exterior de um estado interno. A ação livre, vejamos, é diferente daquela proposta de acordo com a necessidade do ser humano, voltada para fabricar utensílios de necessidade e agir conforme sua natureza [no sentido evolutivo]. A ação livre é “[...] aquela que está com continuidade com a natureza interior daquele que a realiza, ou seja, que reflete a mobilidade interna de seus sentimentos” (Coelho, 2001, p. 116). Com isso, aquela ação não determinada, não ligada à previsibilidade é a ação que envolve a mudança, a criação. É na criação que o tempo real se encontra. É nesse sentido que nossa existência, aos moldes da inteligência, parece estar mais no espaço do que no tempo. Assim nos desenvolvemos enquanto sociedade, através dos hábitos e da supressão da nossa vontade. Mas, para nosso autor, precisamos pensar mais em tempo do que em espaço:

Assim, a inteligência humana, enquanto moldada pelas exigências da ação humana, é uma inteligência que procede ao mesmo tempo por intenção e por cálculo, pela coordenação de meios a um fim e pela representação de mecanismos dotados de formas cada vez mais geométricas. (Bergson, 2010, p. 49).

É por isso que se desprende da visão do tempo real, pois se concentra em sempre moldar o mesmo. Nesse sentido, não é possível pensar o tempo real, ele é apenas vivido, estamos mais inseridos em um tempo que “transborda” a inteligência. Para ele, a inteligência está sempre com os olhos voltados para trás, em uma projeção plana de uma realidade muito mais vasta, profunda e que tem vários relevos. Desse modo, a inteligência possui habilidade de invenção, de fabricar objetos artificiais e usá-los a seu favor, e assim fez em todo processo evolutivo e continua a fazer no curso da humanidade. Essas invenções tendem a traçar o progresso da humanidade que percebe seus efeitos. O exemplo dado por ele é em relação à máquina a vapor que, em 1712, parecia não transbordar aos olhos pelo fato de transformar energia térmica em energia mecânica através de um cilindro, mas que, posteriormente, definiu os rumos da sociedade. “Tudo somado, a inteligência, considerada no que parece ser manobra original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, em particular utensílios para fazer utensílios, e variar indefinidamente sua fabricação” (Bergson, 2010, p. 151). A inteligência tem a vantagem de fabricar máquinas de fabricar.

Destarte, podemos entender a inteligência como uma forma de ‘contornar’ a matéria, sem de fato percebê-la – assim como faz com o tempo real. O que podemos fazer com a matéria, através da inteligência, para contribuir com a humanidade é espantoso e imprevisível, na medida em que fabricar

um computador capaz de gerar milhões de dados não parece um problema, nem mesmo fazer um satélite atingir o espaço. No entanto, a inteligência não nos leva a perceber a vida, nem tampouco a duração. Tudo isso escapa a ela que, sempre estática, buscará pela repetição e deixará de lado o livre-arbítrio, inclinando-se para uma fabricação automática. É porque a inteligência se une tanto a matemática/geometria, é que ela mergulha tão profundamente no espaço homogêneo, de uma realidade estável, de alguma forma previsível. Desta maneira, “o saber desinteressado, como deve ser o saber metafísico, não encontra amparo nas operações da inteligência” (Rodrigues, 2022, p. 56).

### 3 Da intuição à criação artística

Como temos ressaltado desde o começo, Bergson inova em seu livro *A Evolução Criadora* ao trazer a concepção de duração não mais atrelada apenas à consciência, mas expandida para todo o universo. O universo também dura, estende-se ao processo de criação da vida. A realidade é um contínuo movimento de mudança e imprevisibilidade. Segundo Franklin Leopoldo e Silva, “uma filosofia da evolução se constitui a partir da ideia central de criação, dela se irradiam todas as exigências — e, sobretudo, aquela relativa à identificação entre realidade e temporalidade” (Leopoldo e Silva, 2009b, p. 28). É neste sentido que Bergson começa um de seus textos mais conhecidos, *O Possível e o Real* (1934), dizendo que precisa voltar a discutir sobre a questão da criação. Ao comentar sobre, afirma que a criação é “contínuo de imprevisível novidade que parece desenrolar-se no universo” (Bergson, 2006, p. 103).

A essência da realidade é temporalidade, isto é, duração. Logo, a filosofia de Bergson é sobretudo marcada por um vitalismo no qual a vida é entendida como um contínuo fluxo temporal, duracional. Ela, a vida, participa de um impulso criador que se propaga por todo o universo. Assim, o sentido da vida permanece em aberto sempre para a criação do novo, do inesperado. Quando pensamos sobre a criação artística juntamente com o esforço criativo do artista ao produzir sua obra de arte, podemos nos perguntar até que ponto essa forma de expressão pode violar o ritmo dos estados internos, na medida em que Bergson propõe a realidade interior como duração, movimento, e não como fixidez.

Esta é uma característica de representação intelectual advinda do processo da inteligência. A utilização da linguagem metafórica, em contraposição com a linguagem conceitual, entendida aqui como característica da arte em geral, advinda do perceber criativo do artista é, portanto, o compromisso que o artista tem em deixar transparecer a verdade que a obra de arte traz consigo, isto é, o seu aspecto temporal. Por conseguinte, a linguagem transformada no campo da arte, seja ela musical, poética, entre outras, torna-se a forma mais genuína de expressão autêntica, de revelação da vida.

Arnaud François discute<sup>2</sup> a respeito do processo de criação relacionada ao passado e refere-se ao texto de Bergson *A Percepção da Mudança*, publicado pela primeira vez em 1911. Bergson expõe uma distinção que na concepção de Arnaud François é um pouco estranha pois, o filósofo da duração, afirma que os artistas estão desligados da ação, ou ainda, dos sentidos. Os artistas apresentam-se como indivíduos os quais “olham para alguma coisa, veem por ela mesma. Quer por sua consciência, quer por um de seus sentidos, nascem desprendidos; e, conforme esse desprendimento seja o de tal ou de tal sentido, ou de consciência, são pintores ou escultores” (Bergson, 2006, p.158-159). A partir dessa noção, Arnaud François pergunta se conseguimos pensar qual o passado dos sentidos. Isto é, qual seria o passado da visão? De acordo com esse questionamento seria possível, talvez, pensar o desenvolvimento da pintura dentro da história da humanidade considerando a história da visão artística atrelada à pintura como modelo. Da mesma maneira, também seria possível pensar a história do toque a partir da escultura e, até mesmo, a história da escrita para falar do poeta e do escritor.

2 A argumentação sobre essa questão se deu no III Seminário Bergson, evento online ocorrido entre os dias 09 e 11 de agosto de 2021. Arnaud apresentou a sua discussão na conferência de abertura intitulada “Y a-t-il une théorie bergsonienne de l'art? Esthétique, poétique, métaphysique”, na qual se ocupou em discutir sobre o papel da arte em Bergson a partir dessas três dimensões: estética, poética e metafísica.

Sendo assim, a criação envolve uma certa apreensão do passado que é relançado para o futuro, uma espécie de continuidade. Significa dizer que o passado provoca uma continuação dos estados que se precedem, mas sendo cada estado diferente daqueles que o precederam, e a cada novo estado se dá uma história da qual se desenvolve. Bergson descreve com detalhes em *A Evolução Criadora* ao fazer uma relação da nossa vida ao movimento de criação de um retrato feito por um artista:

[...] mesmo conhecendo aquilo que o explica, ninguém, nem sequer o artista, teria podido prever exatamente o que viria a ser o retrato, visto que predizê-lo teria sido produzi-lo antes de ele ter sido produzido, hipótese absurda que destrói a si mesma. O mesmo se passa com os momentos da nossa vida cujo artista é cada um de nós. Cada um deles é uma espécie de criação. E, da mesma forma como o talento do pintor se forma ou se deforma, e em todo o caso se modifica sob a influência das próprias obras que produz, igualmente cada qual dos nossos estados, ao mesmo tempo que sai de nós, modifica a nossa pessoa, visto ser a nova forma que acabamos de dar a nós próprios. [...] somos, em certa medida, aquilo que fazemos, e que criamos continuamente a nós próprios. (Bergson, 2010, p. 21).

A desconstrução da linguagem habitual tecida pelo poeta, através da linguagem metafórica, movente e criativa que integra o interior do artista, faz com que, por exemplo, em obras literárias, as narrativas que compartilham histórias dos personagens passem a ser o espelho da vida de um leitor, cujas experiências são facilmente identificadas. Sendo a linguagem vítima da inteligência, no sentido de criar conceitos espaciais que não condizem com os sentimentos, pela via de apreensão oferecida pela intuição podemos ter uma genuína expressão da duração real, o tempo real que coexiste dentro de nossas consciências, do mais profundo interior. Pela arte e a filosofia, por intermédio da intuição, o espírito encontra o sentido original do que seja a vida na sua verdadeira duração. Como alega Paulo César Rodrigues, “não é outra a razão pela qual nosso filósofo reivindica uma instância cognitiva alheia à inteligência, a fim de viabilizar o saber filosófico. Ele chamará essa instância de intuição” (Rodrigues, 2022, p. 50). A intuição é um ato de espírito a espírito, é uma forma de compartilhamento de ideias e pensamentos, de simpatizar com aquilo que de alguma forma conseguimos perceber dentro de nós e não precisamente aquilo que está presente na matéria, o concreto.

Em seu primeiro livro, *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência* (1889), Bergson já apontava que há um tipo de tempo que a consciência percebe exterior ao espaço, um tempo quantificável caracterizado pela repetição e pelo processo maquinal. O bater dos ponteiros do relógio e consequentemente do passar do tempo, representa esse tempo mecanizado caracterizado pela imposição do espaço físico do qual estamos habitualmente familiarizados. E assim, associamos o passar das horas com algo que temos que fazer, já que o espaço remete ao aspecto de necessidade e utilidade da vida. Por meio da inteligência, o percurso do espírito é desviado do seu verdadeiro sentido, isto é, a vida, e recai sobre os artificios aparelhados pela matéria.

A direção a ser visualizada, da perspectiva da duração interna, poderia ser facilmente identificada no trabalho de um romancista, que por um esforço inventivo da linguagem que utiliza, pode ser considerado uma expressão metafórica da intuição, que reconduz à vida interior e à fluidez que a ciência se recusa avistar. Para que os discursos sejam interpretados, é preciso compreendê-los para além do que é dito, interpretando com uma possível aproximação do verdadeiro significado do que está expresso. Moellwald afirma que um dos pontos mais interessantes da teoria de Bergson é a “atualização de um tempo mais próximo da experiência — que constitui o indivíduo em seus momentos de existência — pois institui a criação como condição do espírito, como força de resistência à temporalidade na qual o indivíduo é habituado a viver” (Moellwald, 2006, p. 33-34). Em vista disso, a arte com seu poder de criação desfaz as necessidades da vida prática.

Por conseguinte, em virtude de os conceitos serem envolvidos por um certo distanciamento da realidade em seu processo vital, deveríamos nos guiar pelo movimento apresentado pela intuição. Franklin Leopoldo e Silva argumenta: “Intuição significa ‘pensar em duração’ – não pensar a duração como ‘objeto’, mas pensar em regime de duração, isto é, em contato com o tempo, a ele retornando para dele fazer uma experiência imediata” (Leopoldo e Silva, 2009a, p. 17). Assim, a intuição é responsável pela captação da experiência imediata, característica da duração. Por mais que no início o acesso à intuição se expresse por um movimento que começa por meio de uma visão da exterioridade, de uma análise crítica feita pela inteligência, somente a intuição consegue identificar a insuficiência no campo da inteligência. Como alega Benedito Nunes:

A duração interior (*durée*) é, para Bergson, o tempo verdadeiro - *élan* evolutivo criador na ordem natural orgânica - que a intuição capta no relance da experiência interior liberada da dominância dos fins práticos da ação. Não chega até essa realidade intuitiva, absoluta, também experiência pessoal do sujeito reconhecendo-se livre, o conhecimento intelectual, relativo e prático, somente capaz de abranger a contrafação da *durée* projetada no espaço, dividida em unidades intervalares iguais que os ponteiros do relógio percorrem. (Nunes, 2013, p. 56).

A linguagem é um recurso importante em qualquer discurso filosófico que preza por uma cristalização da palavra e suas significações, transformando-a em conceito, por exemplo. Como também estar inserido em hábitos formulados pela sociedade nos deixa cada vez mais longe de conseguirmos olhar para o nosso interior, no sentido próprio de acompanhar essa vida psicológica, da imediatez da consciência. Neste sentido, a intuição:

Deve ser compreendida como aquele momento de uma possível atenção distraída, pois se trata do momento em que a atenção deixa de ser uma atenção focada no objeto para flutuar entre as relações possíveis em diferentes tempos e espaços. Um tempo em sintonia com a força da criação que evoque as recordações, delineie os sonhos e materialize as imagens: o tempo de arte. (Falcão, 2014, p. 45).

A imagem, na filosofia de Bergson, é bem significativa, ainda mais perante os compostos de sua intuição filosófica. As imagens filosóficas não se dão apenas pelo caráter objetivante da inteligência, mas pelo exercício da imaginação, de um processo criador. Neste sentido, Bergson nos diz que existem dois tipos de expressões pelas quais podemos interpretar um sistema: *o conceito e a imagem*. O filósofo francês acrescenta que apesar de os sistemas filosóficos, por si mesmos, desenvolverem-se por conceitos, sua filosofia contraria essa perspectiva, visto que preza pela via do processo intuitivo, assim como processo imagético e metafórico. Destaca Rita Paiva, ao referir-se à filosofia, uma vez que:

É inequívoco: uma filosofia que, em vez de se esquivar das imagens, passa a privilegiá-las em detrimento da linguagem conceitual adquire algo de literário. Não por que se transforme em literatura, mas porque no que toca à expressão mais precisa da vida, a criação imagética e literária se sobrepõe ao caráter instrumental do conceito. Aproximando-se da primeira, a filosofia logra a reinvenção de si enquanto linguagem. Consequentemente, o encontro intersubjetivo pertinente à literatura, se inscreverá, também, na filosofia, a qual, tradicionalmente, marginalizará as imagens. (Paiva, 2009, p. 69-70).

Por conseguinte, a experiência artística possui essa competência de mostrar ao mundo uma visão diferente daquela que o mundo ordinário está acostumado a enxergar. Qualquer indivíduo que retira algo de sua singularidade e impõe sua arte para o mundo está apto a criar algo que, a todo momento, vai se reinventar para o mundo. Os artistas, tal como Bergson os caracteriza, inserem no mundo sua percepção

alargada porque enxergam a realidade de forma diferenciada. Assim, a arte em Bergson revela-se quando ele menciona o alargamento dos sentidos, desenvolvendo a capacidade de invenção a partir das diversas formas de arte: a pintura, a escultura, a literatura etc. Por fim, se o sentido da vida é a mudança, é o tempo, o sentido da arte é o movimento, é a novidade, persiste nesta constante que é a duração vital e o pensamento movente.

#### 4 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo explicitar a questão da ação na filosofia de Bergson tomando como ponto central a noção de inteligência a fim de problematizá-la, o que possibilitou uma abertura para pensar a noção de criação, especificamente, a criação artística. Bergson coloca-se na contramão desse pensamento conceitual, nomeado como inteligência. Por inteligência é designado o território da ciência, ou ainda, do pensamento conceitual tal como postulado pelo pensar filosófico no início do século XX. Criticar o pensamento conceitual não quer dizer que Bergson excluía o pensamento científico das suas considerações. Pelo contrário, toda forma de pensamento poderá ser guiada pelos princípios da criação. Porém, o distanciar dos preceitos da inteligência exige o afastamento, a desativação dos mecanismos sensoriais motores, do automatismo. Logo, a filosofia estaria prezando pela liberdade artística.

Portanto, a inteligência, apesar de contribuir socialmente na construção de ferramentas para a sobrevivência humana, não abrange a fluidez da vida interior, nem tampouco a criação artística. Ela somente se dispõe a se ligar com o material, os números, a geometria e a razão. No entanto, não abraça aquilo que compreende a duração real. Para Bergson, a inteligência é, primordialmente, o meio pelo qual ligamos um ponto a outro no espaço, conduzindo-se a todas as coisas, mas nunca se aprofundando nelas. A descrição dada pela inteligência é estritamente instrumental, conceitual perto daquela feita pelo artista; pela inteligência só seremos capazes de alcançar até um certo ponto.

Com isso, dependeremos da intuição para nos fazer apreender o que a inteligência não é suficientemente capaz, uma criação “indefinidamente continuada”. No entanto, precisamos entender que o caminho para esse processo começou na inteligência, é dela que, segundo Bergson, terá vindo o “tranco” que fará com que cheguemos até a intuição. É, precisamente, esse caminho que procuramos demonstrar. A intuição aparece como o método de acesso ao mesmo tempo que aponta para uma duração interior e uma duração vital, que serve como via ao ato espiritual da vida, e assim conduz ao seu ritmo duracional. Compreendemos que a intuição é o método bergsoniano na medida em que o filósofo tenta reformular a linguagem filosófica dos conceitos para uma linguagem expressada por imagens que comportam a interioridade. Recria-se uma linguagem que faz referência à linguagem metafórica, aquela que primeiramente foi preceituada pela intuição. Por fim, realizamos aqui apenas um pequeno e restrito processo de interpretação, esperamos que possa suscitar outros.

#### Referências

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad. Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2020.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COELHO, Jonas Gonçalves. Bergson: tempo e ação. *Discurso*, n. 32, p. 133-140, 2001. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2001.38056>.

COELHO, Jonas Gonçalves. *Consciência e matéria: o dualismo de Bergson*. São Paulo: Unesp, 2010.

FALCÃO, Maria José Braga. Tempo de arte: a espessura necessária para experiências subjetivas. *Educação & Tecnologia*, v. 19, n. 2, p. 40-46, 2014.

FRANÇOIS, Arnaud. Y a-t-il une théorie bergsonienne de l'art? Conferência proferida no In: III SEMINÁRIO BERGSON, evento online ocorrido entre os dias 09 e 11 de agosto de 2021.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Tempo: experiência e pensamento. *Revista USP*, v. 2, n. 81, p. 6-17, mar./mai., 2009a. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i81p06-17>.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Ontologia e liberdade em A evolução criadora: A criação. In: PINTO, D. C. M.; MARQUES, S. T. (Orgs.). *Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração*. São Paulo: Alameda, 2009b. p. 23-33.

MOELLWALD, Marina Cabeda Egger. *As tensões temporais em Mrs Dalloway*. Florianópolis: [s.n.], 2006.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PAIVA, Rita. *Da intuição à imagem como contato de interioridades*. In: PINTO, D. C. M.; MARQUES, S. T. (Orgs.). *Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 55-74.

RODRIGUES, Paulo César. *Introdução à filosofia de Bergson*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2022.



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e61877>